

Desenvolvimento Interno da Língua Portuguesa

SINÉSIO CABRAL

Certas alterações fonéticas podem ser observadas independentemente do étimo latino. No tocante às tendências da língua popular, por exemplo, evidenciamos: a) *prótese* (*arrodear* por *rodear*); b) *epêntese* (*adevogado* por *advogado*); c) *paragoge* (*quites* por *quite*); d) *aférese* (*té* por *até*); e) *síncope* (*memo* por *mesmo*); f) *apócope* (*Mirte* por *Mirtes*); g) *metátese* (*pro* — em vez de *por* — como na expressão *pro mode*); h) *hipérese* (*cardeneta* por *caderneta*); i) *sístole* (*rúbrica* por *rubrica*); j) *diástole* (*benção* por *bênção*); l) *vocalização* (*peçoau* por *peçoal*); m) *consonantização* (*teju* por *teiu*); n) *nasalização* (*gunverno* por *governo*); o) *desnasalização* (*home* por *homem*); p) *assimilação* (*calafrio* por *calefrio*); q) *dissimilação* (*amanhã* por *amenhã*); r) *sonorização* (*ourives* por *aurifece*); s) *palatalização* (*mobilha* por *mobília*); t) *despalatalização* (*muié* por *mulher*); u) *ditongação* (*nóis* por *nós*); v) *monotongação* (*quejo* por *queijo*); x) *apofonia* (*inimigo* por *inamigo*); z) *metafonia* (*magríssimo* por *macérrimo*).

São também dignos de nota na corrente popular:

a) a redução de proparoxítonos a oxítonos (*Exérço* por *Exército*; *musga* por *música*; *córgo* por *córrego*;

b) o *lambdacismo* (*celveja* por *cerveja*); *malmita* por *marmita*; *comélcio* por *comércio*);

c) o *rotacismo* (*sarto* por *salto*; *carçada* por *calçada*; *arto* por *alto*);

d) o *tautossilabismo* (*babá*; *Lili*; *pororoca*);

e) os *palíndromos* (*aba*; *ele*; *mirim*; *ovo*; *uru*).

Identificamos, facilmente, através das suas respectivas “falas”, por exemplo, o *cearense* (*naturau* por *natural*; *cauçada*; *feis* por *fez*); o *paraibano* (*naturá* por *natural*; *carçada* por *calçada*; *malmita* por *marmita*); e o *pernambucano* (*car-da* por *calçada*; *fêz* por *fez*; *celveja* por *cerveja*; *naiscer* por *nascer*).

O *nordestino* e o *nortista*, de um modo geral, tendem, outrossim, à pronúncia aberta das pretônicas. E, assim, não é difícil identificá-los nos seus traços lingüísticos, tomando-se como exemplos: *Fortaleza*, *Recife*, *Sergipe*, *CEBION*, *Coimbra*, *Portugal*, *delícia*, *esmero*, *benevolente*, *adjetivo*, *serviço*, *solidário*, *cordial*, *botar*, *rever*, *denegrir* etc. O rebuscamento na área dialetal do sul do País, no tocante à pronúncia de *Sergipe*, pode resultar, por vezes, na corrente da fala, em *cacofonia* (*Sergipe* (ou *Sergipe*) não está em minhas cogitações).

A *Fonética Sintática* é observada no ritmo da frase (*pod' entrar* por *pode entrar*; *po'levar* por *pode levar*; *necessida'de sair* por *necessidade de sair*; *Esta'do Ceará* por *Estado do Ceará*; *Servi'Social* por *Serviço Social*).

Podemos justificar, outrossim, independentemente de étimo latino, certos aspectos ortográficos através da *correlação*.

Correlação *t* e *ç*: *abstrato* e *abstração*; *assunto* e *assunção*; *atento* e *atenção*; *disposto* e *disposição*; *intento* e *intenção*; *maldito* e *maldição*; *optar* e *opção*; *restrito* e *restrição*; *prescrito* e *prescrição* etc.

Correlação *nd* e *s*: *apreender* e *apreensão*, *apreensivo*; *ascender* e *ascensão*; *ascensorista*; *compreender* e *compreensão*, *compreensivo*; *expandir* e *expansão*, *expansivo*; *distender* e *distensão*; *pretender* e *pretensão*, *pretensioso*; *repreender* e *repreensão*, *suspender* e *suspensão*, *suspensivo* etc.

Correlações *rg, rt, corr, pel* e *s*: aspeRGir e asperSão; conveRTer e converSão; imeRGir e imersSão; diveRTir e diverSão; conCORRer e concurSo; exPELir e expulsão, expulsSo; disCORRer e discursSo, discursar; comPELir e compulSório; exPELir e expulsão, expulsSo etc.

Correlações *ced, gred, prim, meter, tir* e *ss*: interCEDer e intercessão; proGREDir e progreSSÃO, progreSSo; impRI-Mir e impreSSo, impreSSão; subMETER e submiSSo, submiS-São; discuTIR e discuSSão etc.

Além disso, não é preciso que se recorra ao LATIM em casos como os seguintes:

a) Depois de ditongo não se escreve *ch* (caixa, feixe, frouxo etc.).

b) Em geral, depois da sílaba inicial *en*, escrevemos *x*, ao invés de *ch* (enxada, enxerto, enxiar, enxó, enxuto). Exceções: encher, enchido, enchimento, enchiqeirar, enchocalhar, enchumaçar etc.).

c) Depois de ditongo usamos *ç* e não *ss* (caução, feição, loução, intuição etc.).

d) Depois de ditongo também não se escreve *z* (causa, Neusa, coisa, cousa etc.).

Sob o *aspecto morfológico*, a *linguagem afetiva* tem sido responsável por tipos de construções verdadeiramente dignas de registro, como, por exemplo, adjetivos seguidos da preposição *de* (O pobre *do* rapaz, o bom *do* velhinho); o pronome átono (de preferência, *me*), com a inclusão da pessoa que fala no que ela declara a outrem (Não *me* saia daqui sem falar comigo); o pleonasma de negação (*Ninguém não* vai). Trata-se, aliás, em alguns autores (Garrett, por exemplo), da *arcaização* como recurso estilístico:

“Dargo, o valente Dargo, a quem na guerra
Ninguém nunca jamais não viu as costas. . .”
(*Flores sem Fruto*).

Interessa-nos, outrossim, a dupla negação (*Não sei não*); o *plural* pelo *singular* (Como *vamos*, colega?); a distinção

entre formas homônimas de certos verbos irregulares (*viemos* por *vimos*, no presente do indicativo; *ver* por *vir*, no futuro do subjuntivo); o emprego de interjeições em substituição a frases longas e rebuscadas (*Meu Deus! Puxa vida! Pois sim! Não diga! Essa não!*).

A propósito dos *participios duplos*, embora se empregue, tradicionalmente, a *forma regular* com os auxiliares *TER* e *HAVER*, apenas entre pessoas semi-alfabetizadas é costume dizer-se que *Fulano tem escrito*.

E sob o *aspecto sintático*, tem-se feito, de ordinário, a substituição de Tu + ELE = VÓS por TU + ELE = VOCÊS. *In primo loco*, é desusado, no Brasil de nossos dias, o tratamento VÓS, verificando-se, em última análise, a substituição de TU por VOCÊ. E, assim, ao invés de *Tu e ele* (ou *Tu e teu amigo*) *sois estimados*, como se falava e se escrevia de acordo com a Gramática tradicional, tem-se dado preferência, de alguns anos para cá, a construções desse tipo: *Tu e ele* (ou *Tu e teu amigo*) *são estimados*.

Ainda no tocante à matéria, apesar de, nas orações sem sujeito, concordar o verbo *ser*, em número e pessoa, com o predicativo (— *Que horas são?*), talvez, para que seja evitada a cacofonia, a pergunta vem sendo assim formulada: — *Que horas tem?* Geralmente, também fazemos, outrossim, a concordância do verbo como o *adjunto adnominal do sujeito* (— *Quem de vocês estarão em dúvida?*). E até mesmo Herculano (— “*Quais entre vós dois sois neste mundo sós?*”) e João de Barros (— “*Parte das quais se viram*”) adotaram esse tipo de concordância. E quem poderá fugir à *discordância idiomática*, deixando de afirmar, por exemplo, que *Cem cruzeiros é pouco* ou que *Cem mil cruzeiros é muito*?

Fazendo agora alusão à *sintaxe de regência*, evidenciamos o verbo *assistir* (*ad + sistere = assistere = dativo*) com o significado em Português de *estar presente = transitivo indireto*, esclarece Antenor Nascentes: “Como quem está junto, se acha em condições de auxiliar a pessoa necessitada de socorro, passou à significação de “ajudar, auxiliar, socorrer”, mantendo a regência nos clássicos: . . . eu mesmo em pessoa *lhe assistirei* por enfermeiro e médico (Manuel Bernardes,

Últimos fins do homem, 16). O mesmo em modernos autores portugueses: Leonor *assistiu-lhe* na enfermidade e ficou em Madri (Camilo, *O senhor do Poço de Nanães*, cap. XVIII). O brasileiro atual lançou mão de um recurso sintático para caracterizar as duas significações e transitivou o verbo no sentido de socorrer: Quem a *assistiu* foi, certamente, um padre... (Coelho Neto, *Fogo Fátuo*, 20)" ... in *O Problema da Regência*, 2.^a edição, 1960, págs. 47/48). Trata-se, como se vê, *in casu*, de um desenvolvimento interno da Língua Portuguesa.

Tende a língua popular para o emprego do pronome pessoal do caso reto (*ele* e flexões) e do caso oblíquo (*mim*, por exemplo) como sujeito do infinitivo: Vi *ele* entrar. Isto é para *mim* fazer. "Espero *ela* alisar a cara!" (Mário Palmério, *in Vila dos Confins*), sendo freqüente a regência popular com verbos de movimentos: "Quando João Miguel *chegar na cadeia*"... (Rachel de Queiroz, *in João Miguel*).

Quanto à *sintaxe de colocação*, observamos que, no Brasil, a frase é comumente iniciada com o pronome oblíquo átono ("Me dá um dinheiro aí"). Tem razão o professor João Ribeiro, pondo em relevo que, se a *próclise* traduz ternura, a *ênclise* denota arrogância. Efetivamente, até mesmo nas camadas sociais de infra-estrutura, desde que sob o domínio de violenta emoção, o homem procura extravasar os seus recalques mal reprimidos através de frases exclamativas, rigosamente de acordo com a Gramática tradicional:

- Afaste-se de mim!
- Deixe-me em paz!
- Suma-se de minha vida!

Sabemos que, em se tratando de oração interrogativa, o sujeito vem posposto (— Quem és tu?). Entretanto, dentre as exceções, podemos evidenciar que, por uma questão de ênfase, se há intenção de ser posto em relevo o sujeito, este poderá vir anteposto. Daí a justificativa de frases assim construídas: — Você julga-me capaz disso?

Quando rezamos o SINAL DA CRUZ, dizemos: “Livre-nos Deus, Nosso Senhor, dos nossos inimigos”. E, assim o fazemos, porque se trata de uma oração que encerra desejo (com o sujeito posposto). Mas, na *linguagem familiar*, dizemos frequentemente: Deus nos livre do mau vizinho, ocorrendo, assim, a próclise.

Em geral, quando o Juiz, na sentença, passa dos *fundamentos de fato e de direito* para a *decisão propriamente dita*, costuma empregar expressões como: *Isto posto*. Dentre os casos em que o sujeito deve vir posposto ao verbo está a oração reduzida de particípio (*Soada a hora...*). Em situações que tais, a anteposição do sujeito constitui *galicismo* (— *L’heure sonnée*), excetuando-se, por eufonia, expressões como: *isto posto, isto suposto*.